

**Ministério da Cultura  
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
Departamento do Patrimônio Imaterial  
Coordenação Geral de Identificação e Registro  
Coordenação de Registro**

Brasília, 22 de julho de 2011.

**Nota Técnica nº 09/11**

À Sr<sup>a</sup> Claudia Marina Vasques  
Coordenadora de Registro – CGIR/DPI/Iphan

Assunto: **Pedido de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty – RJ**  
**Processo nº 01450.015103/2007-13**

Senhora Coordenadora,

O pedido de registro da **Festa do Divino Espírito Santo de Paraty - RJ** como Patrimônio Cultural do Brasil foi feito pelo **Instituto Histórico e Artístico de Paraty – IHAP**, e data de 15 de julho de 2005. A solicitação tem anuência dos “principais produtores envolvidos”, conforme definido no dossiê, e a justificativa para o pedido de registro da festa é sua antiguidade, pois ocorre em Paraty desde o século XVIII, e sua semelhança com as festas do Divino ainda hoje celebradas nos Açores. Segundo a documentação, a festa corre risco de “graves e irreversíveis descaracterizações”.

Conforme aponta o processo, o pedido foi recebido, em 2005, pela então 6<sup>a</sup> Superintendência do Iphan, a qual encaminhou via fax ao DPI, cópia do requerimento. Após solicitação de informações, já em 2007, o DPI informou à Superintendência da necessidade de encaminhamento dos originais do pedido e das demais informações exigidas pela Resolução nº 001/06, além da elaboração de parecer sobre o registro da festa. Apenas cópia da documentação foi encaminhada, mas a Superintendência deu seu parecer sobre o pedido e indicou a realização do INRC da festa, a fim de subsidiar os estudos para o registro.

ABAO



Para dar início à pesquisa, já em 2008, a então Gerência de Registro descentralizou R\$50.000,00 para a 6ª Superintendência Regional, e o material reunido e/ou produzido até 2010, assim como os originais dos documentos solicitados, foram recebidos pelo DPI em janeiro do corrente ano. No conjunto encontram-se:

1. Fichas do INRC da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty.
2. Texto descritivo e analítico sobre a Festa do Divino Espírito Santo de Paraty.
3. DVDs com vídeos da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty de 17, 22 e 85 minutos.
4. DVD de fotografias da Festa. (em baixa resolução)
5. DVD de fotografias legendadas da Festa. (em baixa resolução)
6. DVD com vídeos de entrevistas.
7. Autorizações de uso de imagem e som.
8. DVD com autorizações, dossiê, entrevistas (áudio), fichas do INRC, Parecer, Relatórios e arte final dos materiais.
9. DVDs com vídeos de festas passadas, anos: 1993, 1995 (2 dvds), 1996, 1998, 2002.
10. Cartazes da festa: 1986, 1995, 2000, 2005, 2009.
11. CD com fotografias da exposição “Brincando com a Festa do Divino”, 2007.
12. Pasta com folhetos, recortes de jornais, materiais de pesquisa (relatórios, fichas de cadastro).
13. Avental da festa do divino de 1997.
14. Medalhinhas do Divino Espírito Santo presas a um estandarte.
15. Bandeira grande de veludo.
16. Medalha dourada do Espírito Santo, guardada numa caixa de veludo.
17. Chaveiro com a oração ao Divino Espírito Santo.
18. Almofadinha com uma medalhinha do Espírito Santo.
19. Pomba em madeira.
20. Mastro e estandarte do Divino em miniatura.
21. DVD Vídeo Festa do Divino Espírito Santo de Paraty (encaminhado quando do pedido)



22. MAIA, Thereza Regina de Camargo. Paraty: religião e folclore. São Paulo: Editora Nacional, 1974. 174p.
23. MELLO, Diuner. Festa do Divino Espírito Santo de Paraty – Manual do Festeiro. São Paulo: Editora Estímulo, 2003. 160p (2 exemplares).
24. RAMECK, Maria José S. e MELLO, Diuner (org.) Roteiro Documental do Acervo Público de Paraty. Câmara Municipal de Paraty, Instituto Histórico e Artístico de Paraty – Guaratinguetá, SP: Gráfica e Editora Dias, 2003 147p.
25. SOUZA, Marina de Mello e. Parati: a cidade e as festas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora Tempo Brasileiro, 1994. 262p.

Toda a documentação e informação exigida pelas normas vigentes constam do material encaminhado, porém, apesar da quantidade expressiva de material, e muito embora a Superintendência do Iphan no Rio de Janeiro entenda que a instrução do pedido de registro foi concluída, a tramitação deste assunto, desde sua origem, não seguiu os trâmites estabelecidos na Resolução nº 01/06 lacuna que se objetiva atender agora. Cabe observar, inclusive, que, apesar dessa Resolução ter sido editada posteriormente à data do pedido, o mesmo não pôde ter andamento, mesmo com relação às normas passadas, devido à falta de documentação mínima que permitisse sua avaliação preliminar. Esta Nota Técnica pretende, então, apresentar subsídios relativamente à documentação apresentada, ao objeto proposto para registro e sobre a documentação produzida a respeito do objeto.

## 1) Sobre o bem proposto para registro

### 1.1) Contextualização

No século XVII, a localização geográfica de Paraty era importante tanto para as ligações terrestres quanto marítimas. Principalmente nos primeiros anos do século XVIII, Paraty era passagem de exploradores e escravos, de víveres e instrumentos de trabalho, de ouro e pedras preciosas, que transitavam entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Seu potencial econômico, no entanto, vinha de seu principal produto: a aguardente, muito consumida internamente e que servia como moeda de troca nas negociações com a África.



Com a abertura de novos caminhos e estradas e de uma ferrovia na região, aos poucos Paraty foi perdendo sua centralidade, mantendo, contudo, uma economia auto-suficiente e uma vida social e cultural voltada para si. Durante o século XIX, Paraty se distanciou consideravelmente da atividade republicana, e o imaginário e o cotidiano de sua comunidade ainda se identificavam com um Brasil colonial enriquecido pelo ouro.

Na década de 1950 o interesse pela cidade cresceu, atraindo as atenções, pelo sossego, por sua arquitetura e por suas manifestações culturais, principalmente dos paulistas, que traziam dinheiro novo e esperanças para a cidade “adormecida”. O movimento cresceu principalmente quando, na década de 1970, a cidade ligou-se diretamente ao Rio de Janeiro e a São Paulo com a abertura da BR 101, a Rio-Santos, tornando-se pólo turístico.

A cidade de Paraty é um importante sítio histórico, tombado desde a década de 1950. A primeira medida de proteção legal ocorreu em 1945 com a elevação de Paraty à categoria de “Monumento Histórico do Estado do Rio de Janeiro”. O reconhecimento do Iphan se deu em 1958, inscrevendo-se o conjunto arquitetônico da cidade nos Livros do Tombo das Belas Artes e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Em 1974 o tombamento foi estendido ao “Município de Paraty”, inscrito nos mesmos livros já mencionados.

## 1.2) A Festa do Divino Espírito Santo de Paraty

*Quem é da cidade, quem nasceu e tem família ali sabe sobre o Divino, é fator que distingue quem é local e quem é de fora. Para os moradores da cidade, ela é mais aguardada do que o Natal, é época de “vestir roupa nova e festar”.*

Paraty é reconhecida pelos seus habitantes como a “cidade das festas”, onde a do Divino Espírito Santo é a mais importante e complexa, ocorrendo desde o período colonial. A



festa compreende diversos espaços da cidade, como a Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios, a praça da Matriz, a casa do festeiro, além das diversas ruas pelas quais a procissão passa durante os dias de celebração.

A festa do Divino de Paraty é organizada, ao longo de um ano, por um festeiro<sup>1</sup>, o qual é escolhido pelo pároco, que analisa as cartas de intenções enviadas pelos interessados<sup>2</sup>. O prestígio e a honra envolvidos em ser festeiro se dão para além do momento da festa: um festeiro muito querido recebe muitas doações e ajuda; um festeiro que faz uma festa boa é reconhecido para sempre. Obviamente, ocorre também o contrário.

A viabilização dos diferentes momentos da festa está dividida entre a Paróquia local, encarregada da parte litúrgica, e a prefeitura, encarregada da parte profana, como as barracas da quermesse, shows e jogos. As ruas, as fachadas das casas e a igreja são enfeitadas de branco e vermelho. A população local participa com grande empenho, com doações e ajudas diversas, realizadas muitas vezes para agradecer uma graça concedida ou fazer uma promessa. A festa do Divino de Paraty é concebida a partir de um trabalho coletivo, de modo que, se o festeiro ignora a ajuda alheia, impede o devoto de estabelecer a relação com o Divino.

O movimento da festa se inicia ainda no domingo de Páscoa, quando acontece o levantamento do mastro, cuja bandeira sai da casa do festeiro em procissão, passa pela casa de alguns fiéis, doentes em sua maioria, e depois segue para a praça da Igreja Matriz onde o mastro será erguido.

Junto à procissão segue a folia, encarregada de anunciar e orientar todas as cerimônias inerentes à festividade do Espírito Santo. As casas por onde ela passa se preparam para recebê-la com comidas e bebidas, ou oferecendo pouso aos foliões. Antigamente, a folia percorria a zona rural de Paraty, hoje em dia ela não passa mais por essas localidades, porém o festeiro distribui uma bandeira do Divino para cada bairro não contemplado na peregrinação.

---

1 Diferentemente de outras festas da cidade, a do Divino nunca foi organizada por uma irmandade, sempre sendo feita pela comunidade em geral.

2 Antigamente o festeiro do ano era sorteado.



A festa se inicia, oficialmente, uma semana antes do Domingo de Pentecostes, quando a cidade é acordada com a Alvorada Festiva, na qual a Banda Santa Cecília percorre as ruas do centro histórico saindo da casa do festeiro em procissão rumo à igreja Matriz, onde ocorrerá a primeira ladainha.

O sábado e o Domingo de Pentecostes concentram as maiores e principais atividades da Festa do Divino. Às sete horas da manhã de sábado, é distribuída carne abençoada aos pobres e, após a partilha, sai o Bando Precatório (bandeiras, banda de música, Folia e povo), que segue pelas ruas da cidade pedindo esmolas. Nesse mesmo dia, acontece o almoço do Divino, onde é servida macarronada, carne com batatas, frango cozido, arroz e uma farofa de feijão, esta última definida como a “mãe do feijão tropeiro, é a comida levada acima pelos tropeiros, desde o século XVII”.<sup>3</sup>

Durante o almoço, os “bonecos folclóricos” se apresentam: Boi-de-pano, cavalinho, Miota, Peneirinha. Alguns moradores da cidade lembram que, antigamente, os brincantes se dirigiam à Praça da Matriz e ali encenavam a morte do Boi, momento em que era também distribuída a carne aos pobres, atividade hoje realizada na casa do festeiro, conforme apontado acima.

Na noite de sábado, a procissão sai novamente da casa do festeiro rumo à igreja Matriz para ouvir a última ladainha da novena. É nesse momento que um menino é coroado imperador: após a comunhão, o padre chama o escolhido para subir ao altar e ali ele é coroado pelos festeiros daquele ano.<sup>4</sup> O imperador segue, então, para a praça da Matriz onde é montada uma tenda em sua homenagem. Ali ele e sua corte assistirão a “danças”, como a das fitas, a dos velhos e o Marrapaía, grupo de Moçambique da cidade paulista de Cunha que se apresenta há muitos anos na Festa do Divino de Paraty.

A programação profana ocorre na Praça da Matriz e inclui competições esportivas, gincanas, bingo, shows musicais, danças, ciranda (antigamente chamada de chiba, o baile da

<sup>3</sup> Dossiê de Registro da Festa do Divino de Paraty (2009-2010) p. 72.

<sup>4</sup> A reminiscência de uma figura imperial demonstra a valorização do período de apogeu político e social da cidade



roça). Há também barraquinhas que oferecem utensílios domésticos e outros objetos, além de comidas e bebidas.

No domingo de Pentecostes, a Alvorada acorda a comunidade para a Festa. A procissão sai novamente da casa do festeiro e segue para a igreja para a missa. Nessa ocasião, as preces dos fieis, depositadas em uma caixa durante a novena, são queimadas pelo padre, e a fumaça “leva os pedidos aos céus”. Ao final da missa, todos recebem de lembrança da festa uma pombinha e um saquinho com sal. O imperador, então, se dirige ao império para a soltura de um preso, uma prática comum em outras épocas, onde por ocasião da coroação de imperadores e de reis, dava-se sempre essa indulgência. A procissão retorna, então, à casa do festeiro onde serão distribuídos doces à comunidade.

O encerramento da festa acontece ao final do dia com uma missa em ação de graças, na qual são também anunciados os festeiros do próximo ano. A festa se encerra, então, com uma grande queima de fogos.

### 3) Considerações sobre o pedido

Como foi possível ressaltar em alguns pontos da presente Nota Técnica, a Festa do Divino de Paraty foi se modificando ao longo do tempo, adquirindo e perdendo costumes.

Segundo o dossiê apresentado, a festa teve sua continuidade mantida devido a diversos fatores que se manifestaram ao longo da história da cidade. Características geográficas, feições arquitetônicas e tradições culturais, contribuíram para que Paraty mantivesse o espírito colonial dentro de um país republicano. Além disso, a constante associação da festa de Paraty com aquelas realizadas nos Açores se constitui como um “mito de origem para sua realização e permanência”. Essa relação enuncia uma tradição cultural da comunidade paratiense “que encontra sentidos e significados da sua identidade na devoção e no culto ao Divino”<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Idem p. 18 e 21



Segundo Marina de Mello e Souza 6, “a festa de santo é o momento máximo da vivência coletiva de uma religiosidade tradicional”.

Ao longo do texto encaminhado para nossa apreciação, esses aspectos tradicionais também estão muito relacionados às características físicas da cidade, pois o cotidiano das pessoas é vivido em meio a construções centenárias, espaços essenciais na manutenção da memória. É em seu centro histórico bem conservado, que as manifestações culturais de Paraty se constituem e onde seus elementos são transmitidos e rememorados. A memória e a valorização de um passado, através também da manutenção do centro histórico da cidade, se refletem em algumas práticas ligadas à Festa do Divino, dado que em épocas passadas, quando o recurso arrecadado não era totalmente utilizado para a festa, os festeiros revertiam a sobra em benfeitorias para as igrejas da cidade, principalmente no que diz respeito à conservação dos prédios históricos e dos bens móveis que deles fazem parte. Hoje em dia ainda permanecem resquícios dessa prática.

As informações trazidas na documentação mostram que a população de Paraty se empenha constantemente em “buscar as imagens e os símbolos da época do Império, reconstituindo costumes que caíram em desuso e valorizando aspectos da cultura popular que haviam sido perseguidos e banidos em outras épocas”. Os paratienses buscam a tradição, a correlação com os tempos de maior esplendor da cidade.

Acreditamos ser importante frisar que, apesar do tema das festas de santo ser recorrente nos pedidos de registro encaminhados ao Iphan, suscitando diversas questões, como, por exemplo, a presença de inúmeras Festas do Divino em todo o país (dentre as quais a de Pirenópolis foi registrada em maio de 2010), a Festa do Divino de Paraty possui elementos próprios, específicos, que não encontraremos com o mesmo formato nas centenas de festas do Divino espalhadas pelo território nacional.

Os elementos que nos permitem identificar facilmente uma festa dessa mesma devoção são comuns a todas elas, porém, esses se modificaram e se adaptaram conforme as

---

<sup>6</sup> SOUZA, Marina de Mello e. Paraty: a cidade e as festas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora Tempo Brasileiro, 1994.



transformações sofridas pela sociedade local, e são essas transformações que fazem da Festa do Divino de Paraty bastante específica. Tendo em vista que o registro de bens culturais de natureza imaterial deve ser avaliado com base na situação atual da festa, consideramos o pedido pertinente pela relevância da celebração, dado os elementos que agrega, os quais legitimam as práticas que reforçam a identidade dos paratienses. Além disso, é importante lembrar de uma das diretrizes da política do DPI, que prioriza ações direcionadas ao patrimônio imaterial em núcleos, sítios ou cidades tombadas, como é o caso de Paraty.

### 3) Sobre a documentação produzida

A pesquisa para a instrução do processo de registro da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty foi totalmente conduzida pela Superintendência do Iphan no Rio de Janeiro. A Coordenação de Registro não acompanhou esse processo, e pôde analisar e propor algumas alterações no material apenas quando do envio preliminar do mesmo, pela Superintendência, após sua consolidação.

As alterações sugeridas para o texto descritivo-analítico foram acolhidas por aquela unidade, e o material correspondente, modificado. O texto apresenta bem o objeto e faz interpretações consistentes sobre a festa e seus diversos momentos. A estrutura utilizada organiza o pensamento de forma a criar uma linha de raciocínio que auxilia no entendimento da festa como um todo, assim como da sociedade paratiense.

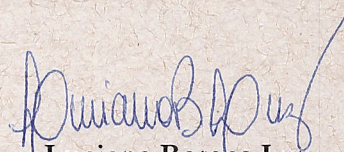
Com relação ao material audiovisual, as fotos encaminhadas, além de não terem qualidade profissional, estão em baixa resolução, o que limita seu uso. Os vídeos apresentam áudio ruim, provavelmente por não ter sido feito com equipamento apropriado para cada situação, oferecendo diferenças de volume, definição, etc, além de cortar em alguns momentos. O vídeo deve espelhar o conteúdo do texto descritivo-analítico, porém sua estrutura não permite um claro entendimento da festa, por isso, apontamos os seguintes problemas e sugerimos algumas complementações/correções:



1. É necessário falar um pouco sobre a cidade/região: o vídeo se inicia com a festa, sem contextualizá-la.
2. Mostrar e descrever um pouco melhor as demais manifestações que ocorrem durante os festejos como os ternos de Moçambique, brincadeiras com bonecos, etc.
3. As falas e as cenas foram colocadas de forma muito alternada (explicação - cena - explicação - cena) e sistemática, talvez fosse interessante deixar algumas cenas durarem mais, de forma mais contínua, com a fala de fundo.
4. Alguns depoimentos do final do vídeo explicitam demais a importância do registro, e outros colocam a importância de se "criar" uma política pública que se volte a esse tipo de bem, o que fica bastante fora de contexto e demonstra desconhecimento de todo o processo.
5. Comentar sobre os problemas e dificuldades para a continuidade da festa, apontando ações para sua salvaguarda.
6. Atualizar os créditos e a logo do Governo Federal.

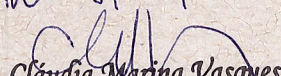
Contradizendo o resultado final do texto descritivo-analítico, o INRC, analisado juntamente à Coordenação de Identificação, apresenta alguns problemas, explicitados pela técnica Ivana Cavalcante em Nota Técnica anexa, com a qual dividimos a mesma opinião principalmente no que diz respeito ao conteúdo, que se apresenta de forma muito resumida e sem maiores detalhes dos momentos da festa. Além disso, a estrutura dada ao conjunto de fichas não permite uma clara idéia do bem em questão e de sua relação com o meio em que ocorre.

Dito isso, acreditamos ser importante a adequação da documentação, mas submetemos as observações aqui apresentadas à consideração superior e à Câmara do Patrimônio Imaterial, para que se avalie a pertinência do pedido, e para que possam ser discutidas as questões relativas ao bem e ao material encaminhado.

  
**Luciana Borges Luz**  
Matrícula SLAPE 2591104

Coordenação de Registro/ CGIR/ DPI/Iphan

*Creute. De Acordo*  
*Em 28/07/11*

  
**Cláudia Marina Vasques**  
Coordenadora de Registro  
DPI/Iphan